



# ANÁLISE SEMIÓTICA DA LETRA DA CANÇÃO *ERA UMA VEZ*

Júlio Cesar Gonçalves de Assis<sup>1</sup>

<sup>1</sup>UFMG/Faculdade de Letras/Graduação/juliocgassis@hotmail.com

**Resumo:** Com base na teoria semiótica, propõe-se a análise da letra da canção “Era uma vez”, de autoria de Kell Smith. Neste sentido, serão enfatizadas as oposições semânticas, tais como a oposição mínima felicidade/tristeza no nível fundamental, e, no nível narrativo, a partir do ponto de vista de um sujeito, as relações intersubjetivas e as relações entre sujeito e objeto. O artigo restringir-se-á somente à análise do plano de conteúdo do texto.

**Palavras-chave:** felicidade, tristeza, infância, vida adulta, literatura, realidade

## 1. Introdução

A Semiótica estuda a significação no conceito de texto, que, por sua vez, se manifesta numa relação dos planos de conteúdo e de expressão (PIETROFORTE, 2010, p. 11). Sobretudo na Semiótica de linha francesa, ainda que não se descarte o fato de o texto ser um objeto histórico, dá-se ênfase ao conceito de significação (FIORIN, 1995, p.166). Em outras palavras, a Semiótica visa “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p.11), isto é, ela busca examinar os sentidos do texto, em se tratando do plano de conteúdo, o qual nos interessa neste artigo.

Neste domínio do conteúdo, temos três patamares ou níveis importantes para a análise do texto: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Essas estruturas constituem o que na Semiótica é conhecido como percurso gerativo do sentido (FIORIN, 1995, p.167). Conforme o texto, essas estruturas são acessadas de maneira diferente, podendo ser mais ou menos relevantes umas em relação às outras. Neste artigo, dar-se-á atenção à estrutura do nível fundamental, que “é o nível das oposições de base, das tensões e das



valorizações positivo/negativo”, e à do nível narrativo, que é o “que envolve as relações dos sujeitos com os objetos e com outros sujeitos” (LARA, MATTE, 2009, p. 10).

O exame do texto da canção nos leva a ater-nos unicamente ao plano de conteúdo, deixando de lado, no plano de expressão, questões de ordem mais artística e poética, fatores que não são de primeira importância no presente artigo e que exigiriam outras habilidades para o exame. A análise de letras de canções populares é importante, uma vez que, fazendo parte do cotidiano das pessoas, estas canções eliminam questões relativas à compreensão direta do texto, permitindo que se focalize na sua significação (TATIT, 2001, p. 14).

## 2. Desenvolvimento

### Era uma vez (Kell Smith)

Era uma vez  
O dia em que todo dia era bom  
Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens  
Serem feitas de algodão  
Dava pra ser herói no mesmo dia  
Em que escolhia ser vilão  
E acabava tudo em lanche  
Um banho quente e talvez um arranhão  
Dava pra ver a ingenuidade, a inocência  
Cantando no tom  
Milhões de mundos e universos tão reais  
Quanto a nossa imaginação  
Bastava um colo, um carinho  
E o remédio era beijo e proteção  
Tudo voltava a ser novo no outro dia  
Sem muita preocupação

É que a gente quer crescer  
E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado  
Dói bem menos que um coração partido

Dá pra viver  
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau  
É só não permitir que a maldade do mundo  
Te pareça normal  
Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real  
E entender que ela mora no caminho e não no final

É que a gente quer crescer



E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado  
Dói bem menos que um coração partido

Era uma vez

A canção “Era uma vez” é de autoria de Kell Smith, jovem artista que lançou, neste ano de 2017, seu primeiro trabalho musical. Destacando-se por uma mistura criativa que vai da MPB ao hip-hop, a cantora entende ser resultado da fusão de vários gêneros musicais. Sobre a canção “Era uma vez”, a artista, que queria falar de paz e transmitir uma mensagem positiva, diz que a compôs “para falar de saudade, mas, conversando com amigos, percebi que a saudade comum a todos era da infância. Então, nasceu essa letra, que aborda a nostalgia e como é lembrar [-se] dos sonhos de outras épocas”<sup>1</sup>.

A proposta é analisar a canção, aqui compreendida como texto, partindo de um exame do nível mais abstrato – o nível fundamental –, que orienta a narrativa através de uma oposição semântica de base pressuposta (relação entre dois termos contrários), responsável por nortear o texto no seu sentido mais geral. Em seguida, no nível narrativo, que também se baseia em pressuposições em relação à oposição semântica, procura-se compreender a transformação ou transformações na relação entre sujeito e objeto na qual se inscrevem valores, do ponto de vista de um sujeito.

Na canção “Era uma vez”, a oposição fundamental se dá na dicotomia felicidade/tristeza, manifestada em outra dicotomia que opõe infância e vida adulta. A narrativa descreve de forma nostálgica uma infância feliz, “o dia em que todo dia era bom”, em que se podia “ver a inocência, a ingenuidade”, em que havia “colo”, “carinho”, “beijo” e “proteção” e “tudo voltava a ser novo [...] sem muita preocupação”. Além disso, essa infância se compara a um mundo literário do “era uma vez”, presente no título e no primeiro e último versos da letra, no qual há nuvens de algodão, herói e vilão, e “mundos e universos tão reais quanto a nossa imaginação”. Por outro lado, a vida adulta é a vida do “coração partido”, do “mundo

<sup>1</sup> Informações extraídas dos seguintes sites: <<http://gcn.net.br/noticias/355589/artes/2017/07/era-uma-vez-de-kell-smith-e-a-segunda-mais-tocada-no-radio>>, <[https://uolmusica.blogosfera.uol.com.br/2017/03/21/mistura-de-mpb-e-hip-hop-da-poder-ao-hino-feminista-da-novata-kell-smith-ouca](https://uolmusica.blogosfera.uol.com.br/2017/03/21/mistura-de-mpb-e-hip-hop-da-poder-ao-hino-feminista-da-novata-kell-smith-ouca/)>. Acesso em 03 nov 2017.



que ficou mau”, e “a maldade do mundo” parece normal. Por tudo isso, deseja-se “voltar do início”.

Assim, do ponto de vista da dimensão dos sentidos, das sensações, à felicidade da infância são atribuídas qualidades positivas, chamadas eufóricas na semiótica; à vida adulta, que se pressupõe triste, atribuem-se qualidades negativas, chamadas disfóricas. Tem-se assim outra oposição, euforia/disforia, que se projeta sobre a oposição fundamental adotada (felicidade/tristeza). Não há indicação explícita no texto de que a vida adulta seja triste. No entanto, em razão de todas as qualidades eufóricas, isto é, positivas, serem relacionadas ao passado, à infância, implicitamente se conclui que isso se perdeu na vida adulta, uma vez que elas foram substituídas por outras preocupações de um universo de valores diferentes, universo mais complexo. É um pressuposto. O que se diz é que não se deve “perder a magia de acreditar na felicidade real”, relacionando a situação presente a uma perda.

No que concerne o nível narrativo, o desenvolvimento do texto nos apresenta as transformações de estado em que a narrativa se apoia. Esta transformação se dá no crescimento do sujeito (“É que a gente quer crescer”). E esta transformação o faz passar de um estado a outro. Nesse sentido, temos o sujeito, na infância, num estado de felicidade, que passa à vida adulta e perde este estado. Dito de outra forma, para usar conceitos utilizados na Semiótica, “um estado é a relação de junção de um sujeito com um objeto no qual se inscrevem valores”. A partir disso, temos que o sujeito da canção passa do estado de conjunção com o objeto “felicidade”, para um estado de disjunção com este objeto.

É o destinador, que não se confunde com o sujeito (sendo este último o destinatário), que define os valores que estão em jogo e os doa ao sujeito. Na infância, o sujeito sustenta valores tais como ingenuidade, inocência, proteção, falta de preocupação etc. No entanto, o sujeito “quer crescer” e com isso os valores apresentados passam a ser aqueles ligados ao universo do da vida adulta, isto é, ao mundo das preocupações. E estas preocupações se apresentam neste ambiente da dor, do coração partido, da maldade. Sujeito e destinador estão ligados por contrato. O destinador tenta manipular o sujeito para persuadi-lo. Por outro lado o sujeito



interpreta o que o destinador lhe propõe, avaliando se aceita ou não. Na canção, parece-nos, o sujeito primeiro rejeita, por ambição, a proposta do destinador (“a gente quer crescer”) para logo em seguida, frustrado com sua decisão, aceitá-la (“quando cresce quer voltar do início”). A sanção do destinador é negativa, e o sujeito vai tentar convencer o destinador de retomar o contrato para, de algum modo, recuperar os valores perdidos e voltar ao estado de conjunção com a felicidade, ainda que esteja num outro universo de valores (“Dá pra viver/Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau/É só não permitir que a maldade do mundo/Te pareça normal/Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real/E entender que ela mora no caminho e não no final”) (LARA, MATTE, 2009, p. 14-15).

### 3. Conclusão

O objetivo deste artigo foi de analisar, a partir da teoria semiótica, a letra da canção “Era uma vez”, aqui entendida como texto, para entender os sentidos do texto no que diz respeito ao seu plano de conteúdo e como se dão as relações entre sujeito e objetos no nível narrativo. Para isso, partiu-se de uma oposição fundamental pressuposta (felicidade/tristeza) que se desdobra mais claramente nos valores assumidos ou rejeitados no texto. A tônica da canção se dá ainda numa relação pressuposta do sujeito com um destinador, o qual determina a relação do sujeito com os objetos.

### Referências:

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- FIORIN, José Luiz. *A noção de texto na semiótica*. Porto Alegre, v. 9, n. 23, p.165-176, 1995.
- LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: Aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.



TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

